

Filhas do coração

Eliane Delfina da Silva Carmo

Pais: Raimundo Francisco do Carmo e Eliane Delfina da Silva Carmo

Filhas “do coração”: Crismaira da Silva Carmo, Inara da Silva Carmo e Natali da Silva Carmo.



ELIANE: Desde quando nos casamos sempre queríamos ter uma menina.

Tudo começou há muito tempo, quando fomos fazer uma viagem para conhecer a Santa Nhá Chica e lá, por incrível que pareça, tinha um orfanato onde vi aquelas meninas de uniforme, saia plissada e blusa azul. Aquilo chamou minha atenção, e ficamos lá o dia todo. Eu fiquei a maior parte do dia olhando as freiras cuidando delas, e aí eu perguntei o que elas estavam fazendo. Até então eu nunca tinha visto ou estado em nenhum orfanato. Chamei o Raimundo para ele ver e conversamos e decidimos que, quando chegássemos na cidade, iríamos procurar saber mais, se poderíamos visitar, ou se tinha algum na cidade de Lavras, mas ninguém sabia, até que a irmã de uma freguesa do salão, sabendo que eu sempre falava de querer conhecer, me disse que se eu queria fazer uma visita lá. Na hora aceitei e fomos visitar. Deu muita ansiedade, pois nossos meninos já estavam grandes. A dona Jorcelina nos

levou até lá. Chegamos com ela, e vi muitas crianças pequenas. Dava vontade de pegar no colo e tudo o mais, mas as maiores chamavam mais nossa atenção. Fiquei apaixonada pela Ingrid. Ela tinha sete anos e eu me vi nela. Foi amor à primeira vista e sempre a gente estava lá visitando ela, levando presentes. Ela fazia aniversário um dia antes do Raimundo. Ele faz em 19 de agosto, ela em 18 de agosto. A gente voltava pra casa e sonhava com a possibilidade de ela ser nossa filha, mas Deus não quis, adotaram ela. Fiquei muito triste e paramos de ir lá por cinco anos. Então ficamos sabendo que a nora do meu cunhado tinha sobrinhas lá, e ela nos convidou para ir com ela visitá-las. Fomos e voltou toda a emoção de novo. Só que dessa vez não foi amor à primeira vista, como aconteceu com a Ingrid, mas continuamos a ir assim mesmo. Só de estar com elas já era muito bom, e acabamos criando um vínculo.

Os meninos se casaram e ficamos só eu e o Raimundo. A gente sentia que estava faltando alguma coisa e começamos a ir ao orfanato praticamente todo final de semana. Voltávamos felizes. Eu queria sempre ter uma menina para ensinar tudo que sei e achava que menina era amiga companheira. O Raimundo adorava a menina dos outros, sempre tinha uma que ele queria trazer para casa. Eu me sentia incapaz de gerar uma menina. Liguei as trompas quando tinha 22 anos, porque, naquela época, o Raimundo bebia e minha família e eu achamos melhor não ter mais filhos, mas mal sabia eu que ainda iria ter três. Eu não pensava que seria difícil cuidar de menina maior, pois, se Deus quisesse, tudo ia dar certo. Sempre soubemos que temos muito amor para dar. Eu ficava sozinha e sentia um vazio que ninguém conseguia entender. Quando fomos falar para nossos filhos, eles disseram: “A senhora não está satisfeita só com a gente não? Pra quê? A senhora já nos criou, agora vai arrumar dor de cabeça. Por que não vão viajar e trabalhar menos?” Então dissemos que era isso que queríamos: ajudar e cuidar de outra pessoa, que até então era para ser uma menina. Minha família também não aceitava. Diziam: “Vocês são doidos. Não sabem a índole dessas crianças. Sabe-se lá se eram bandidos ou outra coisa? Vocês estão pondo toda família em risco para quê?” Mas nós falamos para eles que tudo bem, se quisessem aceitar, ou não. Só não iríamos admitir que ninguém maltratasse qualquer uma delas.

No Dia das Crianças, em 2014, fomos com a Lidiane conhecer suas sobrinhas. Eram cinco irmãs. Na ocasião, não tínhamos interesse em nenhuma delas, porque eu ainda pensava muito na Ingrid.

Mas, como era o que Deus tinha pra nós, comecei a me interessar pela Liz, porque ela gostava muito de boneca, e eu também gosto. Comecei a vê-la com outros olhos. Quanto ao Raimundo, a Crismaira chamou mais sua atenção. Ele falou pra ela: “Um dia vou te adotar.” O tempo foi passando, a gente sempre conversava. As mais velhas, Tainara e Nayara, a tia Lidiane tirou de lá, e deixou as menores. Continuamos a ir ao orfanato. Tia Lidiane sempre

deixava a Tainara e a Nayara passarem o final de semana com a gente, era muito bom, a gente ia à Igreja, ao restaurante, às reuniões na casa da mãe, e toda minha família gostava delas, porque são muito educadas e amorosas. Também gostávamos delas e, sempre que podíamos, procurávamos ajudá-las.

Aí acabamos conhecendo toda a família delas. Na época, a mãe delas, Flávia, estava presa na Apac, e levamos as mais velhas para visitá-la em Itaúna. Gostei dela e creio que ela de nós, pois acabou nos pedindo que tirássemos as menores do orfanato. Fiquei muito emocionada e feliz por ela confiar em nós para isso. Só que até então a gente não pensava em adotá-las.

Nessa época já tínhamos feito o cadastro, mas a Flávia acabou saindo da Apac, com mais um irmão para elas, o Pedro. Fomos buscá-la e levá-la para Nepomuceno. Aí a gente teve que se afastar do orfanato, porque o juiz tinha deixado que ela visitasse e tivesse mais contato com as crianças, como passar o final de semana com elas. Ela saiu da prisão em agosto de 2017 e, em novembro desse ano, ela começou a ficar com as menores no final de semana. Pra gente foi muito ruim, porque sabíamos que algo já estava acontecendo em nossos corações. Na segunda semana de novembro, o pai matou a mãe delas. O promotor, preocupado com a situação delas, veio nos dizer que, se tínhamos interesse em adotar, deveríamos ficar com elas, já que as conhecíamos e estávamos sempre em contato. Então perguntou diretamente qual delas a gente queria. Na hora, dissemos que queríamos as três meninas e contratamos um advogado que meu primo conhecia. Foi tudo muito rápido. Entramos com o processo em dezembro e, em junho de 2018, precisamente em 22 de junho de 2018, às 13 horas, nasceram nossas flores: Crismaira, com 12 anos, Inara, com 9 anos, e Natali, com 7 para 8 anos. Desde então, nossa vida mudou drasticamente para melhor. Temos problemas para educá-las, mas Deus está conosco a cada momento. Vamos à igreja, todos da família agora querem a presença delas e as tratam como se sempre tivessem sido da família. Eles dizem que as amam. Nunca disseram à neta de sangue que era princesa, mas elas são chamadas de princesa da vó. É muito gratificante tê-las conosco. Nosso filho mais moço chama a Crismaira para olhar e tomar conta da filha dele, que é sobrinha dela. Agora toda família as ama. Não que seja fácil, cada dia é uma luta para ensinar a estudar, a respeitar os outros, a respeitar os irmãos. Meu filho mais velho tem um pouco de ciúmes, mas aos poucos está se aproximando, porque ele tem duas filhas que amam muito as tias. Com o passar do tempo e pela ação de Deus, elas alcançaram grande progresso.

Quem um dia disse que éramos doidos, agora está sempre precisando delas. Hoje minha sogra mora com a gente, e elas ajudam a cuidar da avó. No começo, ela não aceitava as netas, mas agora não gosta sequer que elas passem o final de semana com a outra avó.

Vivemos um dia de cada vez, e agradeço a Deus por tudo. Não me arrependo, nem por um minuto, por ter cinco filhos lindos e maravilhosos.

Obrigada por tudo.



Raimundo Francisco do Carmo

Eliane Delfina da Silva Carmo

Reginaldo da Silva Carmo

Rodrigo da Silva Carmo

Crismaira da Silva Carmo

Inara da Silva Carmo

Natali da Silva Carmo.

Essa é a minha linda família, graças a Deus.

